



EM CENA: O TEATRO DO PATEO PARA A CIDADE

O teatro de Anchieta



REALIZAÇÃO:



PATEO DO
COLLEGIO



JESUÍTAS BRASIL

APOIO:



FUNDAÇÃO
THEATRO
MUNICIPAL



Fundação
Energia e
Saneamento

EM CENA: O TEATRO DO PATEO PARA A CIDADE

O teatro de Anchieta

Embora relativamente desconhecida do grande público, a produção teatral de José de Anchieta (1534-1597) é linguística e culturalmente rica e diversa, além de extensa. Ao todo, doze obras de dramaturgia atribuídas ao santo jesuíta chegaram à contemporaneidade, em manuscritos dispersos, desordenados e, por vezes, incompletos.

O trabalho de reunião e organização da produção literária anchietana foi realizado, em grande medida, por pesquisadores jesuítas, que ao longo de décadas recolheram manuscritos dispersos Brasil e mundo afora. Nesse sentido, destaca-se a atuação dos padres Armando Cardoso, Serafim Leite e Hélio Abranches Viotti, que vasculharam diversos arquivos em busca de documentos importantes para a história da Companhia de Jesus ou de seus confrades.

Reunidas as fontes, os inicianos contaram com a colaboração da tupinóloga Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins, que realizou uma tradução mais precisa do Tupi Antigo. Isso permitiu que o teatro de Anchieta chegasse ao conhecimento público em 1954, quando é publicada uma compilação de diversas obras literárias do jesuíta, ainda, no entanto, com partes incompletas ou dispersas, por ser então desconhecida a estrutura dos autos.

Uma edição completa, organizada e completamente traduzida seria publicada pelo Pe. Armando Cardoso em 1977. Foi essa edição que nos permitiu produzir esta breve síntese do histórico de pesquisa e publicação do teatro de Anchieta. Com base nessa obra, oferecemos ao leitor uma lista das peças redigidas pelo “Apóstolo do Brasil”, contendo algumas informações sobre cada uma delas.

Boa leitura!

Auto da Pregação Universal

• Locais

São Paulo de Piratininga, São Vicente, Rio de Janeiro, Aldeia dos Reis Magos, entre outros.

• Data

25 de dezembro de 1561 (provável), primeira representação, em São Paulo, no atual Pateo do Collegio. 31 de dezembro de 1576, em São Vicente.

• Personagens

Moleiro, Guaixará, Aimbiré, Anjo, pecadores, indígenas.

• Cenários

Entrada da vila ou aldeia (1º ato). Adro da igreja (restante do auto).

• Línguas

Português, tupi e espanhol.

Primeira peça escrita por Anchieta, o Auto da Pregação Universal foi encenado pela primeira vez no Natal de 1561, em Piratininga, em frente ao atual Pateo do Collegio. Esta encenação é a primeira da qual temos registro em toda a história do Brasil – há a menção a outros autos antes da chegada de Anchieta, mas desconhecemos seu conteúdo e características. Por isso, e pela proximidade com nossa história, nos ateremos um pouco mais a ela.

Tendo consciência da diversidade de seu público na América Portuguesa, Anchieta traz elementos da cultura nativa e estrangeira à sua obra. Nesse sentido, usará como base a estrutura dos autos, encenações populares na península ibérica naquele período. Estes são caracterizados por um acentuado sentido moral e/ou edificante, frequentemente trazendo temas religiosos e em alguns casos a denúncia das falhas e pecados de pessoas de diversos setores da sociedade. É dessa tradição, vulgarizada entre nós pelos autos de Gil Vicente (c.1465 - c. 1536) e o célebre Auto da Barca do Inferno (1517), que Anchieta beberá para produzir sua dramaturgia.

No Brasil, a produção anchietana dará ao auto de tradição ibérica novas cores e sabores, especialmente incorporados para impactar e integrar as populações originárias ao projeto apostólico da Companhia de Jesus. Assim, veremos na estrutura do auto partes particularmente direcionadas aos indígenas, onde costumes da terra serão incorporados à cena. É o caso da cerimônia Tupi para o recebimento de um visitante ilustre, que incluía um acolhimento longe do povoado e o acompanhamento do forasteiro com música e canto até o líder da aldeia, que julgaria se o visitante em questão era *bom* para a comunidade, deixando-o permanecer, ou se era *mau*, condenando-o à morte. Esse cerimonial, observado por diversos jesuítas que atuaram no Brasil, é incorporado ao auto anchietano.

Além disso, o Auto da Pregação Universal pode ser considerado o mais antigo texto de literatura Tupi, sendo esta uma língua ágrafa. Dessa maneira, embora fosse voltado para a introdução de uma nova lógica religiosa aos ameríndios, o teatro de Anchieta contribuiu, efetivamente, para a preservação de parte da língua e cultura Tupi do século XVI.

Estruturalmente, o Auto da Pregação Universal é dividido em cinco atos. O primeiro, em português,

narra a história de um moleiro que perdeu seu pelote - espécie de casaco - de usar aos domingos, sua peça de roupa mais bela e valiosa. Em seguida, o segundo ato, em Tupi, narra a chegada dos demônios Guaixará e Aimbiré e seu domínio sobre o povo até a chegada do Anjo, que os expulsa. O terceiro ato apresenta os pecados dos portugueses, absolvidos por Nossa Senhora. Em seguida, o quarto ato representa uma festa, com cânticos e danças realizadas pelas crianças indígenas, comemorando a expulsão dos demônios e a absolvição dos pecados. No quinto e último ato, o moleiro volta a encontrar seu pelote vermelho – que, simbolicamente, representa a salvação por meio do sangue de Cristo, derramado em sua circuncisão logo após o nascimento.

Com seu tom festivo, cenas cômicas e alcance amplo – de onde, aliás, deriva seu nome – o Auto da Pregação Universal foi um grande sucesso, sendo encenado diversas vezes, por vários anos, ao longo da costa brasileira.

Na Festa de São Lourenço

• Locais

Aldeia de São Lourenço (atual Niterói).

• Data

10 de agosto de 1587.

• Personagens

São Lourenço, São Sebastião, Guaixará, Aimbiré, Saravaia, Tataurana, Urubu, Jaguaruçu, Caborê, Velha, Décio, Valeriano, Anjo da Guarda da aldeia, cativos e meninos indígenas.

• Cenários

Porto da aldeia e adro da capela de São Lourenço.

• Línguas

Português, tupi e espanhol.

Foi representado pela primeira vez no adro da Capela de São Lourenço, o núcleo do que viria a dar origem à cidade de Niterói, no dia 10 de agosto de 1578. Possui uma estrutura semelhante àquela do Auto da Pregação Universal, retirando-se a história do moleiro e incluindo à de São Lourenço, cujo martírio é representado no primeiro ato.

Curiosamente, os nomes dos demônios Guaixará e Aimberê são mantidos no segundo ato, sendo acrescentada uma terceira figura, o Saravaia. São estes também nomes de lideranças da Confederação dos Tamoios, conglomerado de grupos indígenas inimigo dos Tupiniquins e aliado dos franceses, expulsos da Baía de Guanabara em 1567. Esses demônios, como na Pregação Universal, são novamente expulsos, dessa vez com o auxílio do protetor da cidade do Rio de Janeiro: São Sebastião.

Neste auto, no entanto, os demônios têm uma participação mais intensa: retornam no terceiro ato, onde são ordenados pelos anjos e santos a punirem os imperadores romanos Décio e Valeriano, a quem é creditado o martírio de São Lourenço. Outro ponto de divergência é que as danças e cantigas indígenas são realizadas somente no quinto ato, concluindo a peça com uma procissão festiva e a instalação da imagem de São Lourenço no adro da igreja – simbolizando a renovação

da fé.

Em suma, *Na Festa de São Lourenço* possui estrutura e temática muito semelhantes àquelas do *Auto da Pregação Universal*, com algumas adaptações para a festividade do santo e para melhor recepção entre o público da Baía de Guanabara.

Auto de São Sebastião

- **Locais**

Rio de Janeiro (prov.).

- **Data**

1584.

- **Personagens**

São Sebastião, Anjo (excerto preservado).

- **Cenários**

Porto da aldeia e adro da capela de São Lourenço.

- **Línguas**

Tupi (excerto preservado).

Infelizmente, apenas um pequeno trecho desta peça – isto é, algumas estrofes do quarto ato – se conservou até nossos tempos. Provavelmente fora encenada no Rio de Janeiro para a festa de São Sebastião, padroeiro da cidade, durante a chegada do Visitador dos Colégios da Companhia no Brasil, o Pe. Cristóvão de Gouveia, em 1584. De acordo com descrição de Fernão Cardim, que acompanhou Gouveia na ocasião, possuía uma estrutura semelhante à do *Auto de São Lourenço*, representada na mesma região alguns anos antes.

Na Aldeia de Guaraparim

- **Locais**

Guarapari, Espírito Santo.

- **Data**

1585 (prov.).

- **Personagens**

Anhanguçú, Tatapitera, Cauçuçu, Moroupiaroera, Alma de Pirataka, Anjo da Guarda, 10 meninos cantores e dançarinos.

- **Cenários**

Porto da aldeia e adro da igreja.

- **Línguas**

Tupi.

Este título, *Na Aldeia de Guaraparim*, não foi atribuído à peça por Anchieta, mas pela tupinóloga Maria de Lourdes de Paula Martins, que realizou o estudo e a tradução dos manuscritos. Trata-se

de um dos autos mais extensos do jesuíta, e o mais longo escrito exclusivamente em Tupi. Sua data é incerta, mas a mesma pesquisadora o situa entre os anos de 1589 a 1594. É possível que para sua redação Anchieta tenha se inspirado na peça *Díálogo da Ave Maria*, representada em 1584 por ocasião da visita do Pe. Cristóvão de Gouveia.

O enredo da peça pode ser resumido da seguinte maneira: os diabos Anhanguçú, Tatapitera, Caumondá e Moroupiaroera tentam dominar a aldeia de Guarapari. Ao verem uma alma saindo de um corpo humano, acusam-na de ter cometido pecados. Ela, no entanto, se defende pedindo a intercessão de Nossa Senhora. Em seguida, anjos expulsam os demônios e protegem a aldeia.

Recebimento do Pe. Marçal Beliarte

- **Locais**

Guarapari, Espírito Santo.

- **Data**

1589.

- **Personagens**

Indígena, Diabos, Anjo, 10 meninos dançarinos.

- **Cenários**

Porto da aldeia e adro da igreja.

- **Línguas**

Português e Tupi.

Auto composto para a recepção do novo Provincial do Brasil, o Pe. Marçal Beliarte, que sucedera Anchieta no cargo em 1588. Foi encenada no final de 1589, em Guarapari, quando Baliarte realiza sua primeira visita ao Espírito Santo. Os manuscritos da obra foram integralmente conservados, sem dispersão de páginas ou trechos, sendo possível observar com clareza a estrutura e a divisão dos atos.

Recebimento do Pe. Bartolomeu Simões Pereira

- **Locais**

Aldeia indígena do Espírito Santo.

- **Data**

1591 ou 1592.

- **Personagens**

2 indígenas, um colono português. 10 cantores, recitadores e dançarinos.

- **Cenários**

Porto da aldeia e adro da igreja.

- **Línguas**

Português e Tupi.

Bartolomeu Simões Pereira foi um padre nomeado pelo rei de Portugal, Dom Sebastião, para a circunscrição eclesiástica do Rio de Janeiro, em 1577. Entre 1592 e 1593 realiza uma visita a seu amigo José de Anchieta, que então encontrava-se no Espírito Santo, com quem percorre aldeias indígenas para crismar ameríndios batizados. Para recebê-lo, Anchieta compõe este pequeno auto, à semelhança do que fizera, dois anos antes, ao Pe. Beliarte.

Diálogo do Pe. Pero Dias Mártir

- **Locais**

São Vicente ou Salvador.

- **Data**

1575 ou 1592.

- **Personagens**

Grupo de alunos do Colégio, recitadores e cantores. Cristo e Pero Dias Mártir.

- **Cenários**

Porto e adro da igreja.

- **Línguas**

Espanhol.

Trata-se de uma encenação mais curta, provavelmente redigida para o recebimento de uma imagem do mártir Pero Dias. É composta por dois poemas que seriam recitados na ocasião, representando um diálogo entre Pero Dias e Cristo – que interpola ao mártir uma série de questões, numa espécie de teste de fé.

Pero Dias (c. 1526 – 1571) foi o padre quem relatou a execução dos 40 Mártires do Brasil, liderados por Inácio de Azevedo, por corsários huguenotes. Ele próprio teve o mesmo destino, sendo martirizado no ano seguinte por holandeses calvinistas quando estava prestes a chegar em solo brasileiro.

Dia de Assunção em Reritiba

- **Locais**

Reritiba (atual Anchieta), Espírito Santo.

- **Data**

15 de agosto de 1590.

- **Personagens**

Anjo, Diabo, Indígenas.

- **Cenários**

Porto da aldeia, adro e nave da igreja.

- **Línguas**

Tupi.

Encenado no aldeamento de Reritiba – local de morte de Anchieta – no dia 15 de agosto de 1590,

por e para os milhares de indígenas que ali viviam. Inteiramente escrita em Tupi, o auto se iniciava com uma saudação no porto, onde um coro de crianças louvava a chegada da imagem de Nossa Senhora da Assunção. Em seguida, em procissão, levava-se a imagem até o adro da igreja, onde o segundo ato acontecia: a discussão entre o anjo e os diabos, que acabam expulsos da aldeia. Depois, duas danças indígenas celebravam a fuga dos diabos, e, no quarto ato, três representantes de diferentes aldeias e etnias indígenas vêm exaltar a Virgem Maria. No quinto e último ato, já dentro da igreja, os fiéis despediam-se beijando a imagem, ao som de uma cantiga em Tupi.

Auto de Santa Úrsula

- **Locais**

Vitória, Espírito Santo.

- **Data**

1585 ou 1595.

- **Personagens**

Diabo, Anjo, Vila de Vitória, São Vital, São Maurício, Santa Úrsula, meninos recitadores, cantores e dançarinos.

- **Cenários**

Porto de Vitória e adro da igreja de Santiago (atual Palácio Anchieta).

- **Línguas**

Português.

Todo redigido em português, este pequeno auto fora oferecido à Confraria das Onze Mil Virgens, em Vitória, e é provavelmente datado de 1585 ou 1595. É composto por uma cantiga em homenagem a Santa Úrsula, seguida de procissão. No adro da igreja, o demônio tenta impedir a chegada da santa, mas é expulso por um anjo. Nos atos seguintes, celebra-se a chegada da virgem na igreja e a proteção dela à vila de Vitória contra a incursão de corsários estrangeiros. Embora seja uma peça curta, serviu como base para a composição de um auto mais extenso: Na Vila de Vitória.

Na Vila de Vitória (Auto de São Maurício)

- **Locais**

Vitória, Espírito Santo.

- **Data**

22 de setembro de 1595.

- **Personagens**

Satanás, Lúcifer, São Maurício, Vila de Vitória, Bom Governo, Ingratidão, Embaixador do Rio da Prata, São Vitor, Temor e Amor a Deus.

- **Cenários**

Porto de Vitória e adro da igreja de Santiago (atual Palácio Anchieta).

- **Línguas**

Português e espanhol

Os últimos dez anos da vida de Anchieta, após deixar o cargo de Provincial do Brasil, em 1587, são de intensa atividade literária. É dessa época o Auto de São Maurício, também chamado de Na Vila de Vitória, uma das últimas obras do jesuíta, encenada em 1595 – apenas dois anos antes de sua morte.

Sua produção está ligada à igreja de Santiago, do Colégio da Companhia em Vitória e, mais especificamente, à Confraria de São Maurício, sediada naquele templo. Provavelmente foi encenada por alunos do colégio e membros da confraria.

O auto inicia-se no porto, onde é apresentado o primeiro ato, com o recebimento da relíquia de São Maurício. Em seguida, leva-se a relíquia em procissão até o adro da igreja, onde é realizada a parte principal do auto. Nesta peça, vemos personagens inovadoras dentro da obra anchietana: as personificações da Vila de Vitória, do Bom Governo, da Velha Ingratidão e do Temor e Amor de Deus.

Recebimento do Pe. Marcos da Costa

- **Locais**

Reritiba (atual Anchieta), Espírito Santo.

- **Data**

1596.

- **Personagens**

Quatro meninos para a atuação; oito meninos para a dança e o coro.

- **Cenários**

Porto de Reritiba e adro da igreja.

- **Línguas**

Português e Tupi.

Pequeno auto composto para o recebimento, em Reritiba, do Pe. Marcos da Costa, nomeado Superior do Espírito Santo. Foi encenada nos primeiros meses de 1596. Como os outros autos de recebimento de pessoas ilustres, buscava atrair as autoridades eclesiásticas para a importância das missões junto aos indígenas.

Na Visitação de Santa Isabel

- **Locais**

Vila Velha, Espírito Santo.

- **Data**

2 de julho de 1597.

- **Personagens**

Santa Isabel, Romeiro e seus companheiros, Maria e 3 anjos.

• Cenários

Adro da Igreja do Rosário de Vila Velha.

• Línguas

Espanhol.

Última obra escrita por José de Anchieta, cerca de um mês antes de sua morte – Pe. Cardoso menciona que é possível perceber a saúde debilitada do jesuíta no manuscrito, onde as letras parecem escritas por mãos trêmulas. Foi inteiramente redigido em espanhol, a partir de um pedido da Confraria da Misericórdia de Vila Velha, e apresentada no dia 2 de julho, já após a morte de Anchieta.

É um auto bastante distinto dos outros, com diálogos mais extensos e uma parte de espetáculos menor, tendo em vista o público a que se dirigia – um público religioso, diferente de outros autos que se direcionavam a um público mais amplo. Trata-se de um Auto de Devoção, com caráter mais sério: não há nenhuma parte de comédia, nem demônios ou outros personagens cômicos. Era encenada no contexto da Festa da Visitação, que relembra a visita de Maria à sua prima Isabel – padroeira da Santa Casa de Misericórdia, de quem Anchieta recebe o pedido para a composição do auto – e a trama gira em torno da entrega de Cristo por sua mãe à família de Isabel, para purificá-la.

Referências/leitura complementar

ANCHIETA, José de Santo, SJ. *Teatro de Anchieta*. São Paulo: Loyola, 1977. 372 p.

HERNANDES, Paulo Romualdo. *José de Anchieta, o teatro e a educação dos moços do Colégio de Jesus na Bahia do século XVI*. In: Revista HISTEDBR On-line, n.47, p.24-42. Campinas: 2012.

KALEWSKA, Anna. *Os autos indianistas de José de Anchieta e a iniciação do teatro luso-brasileiro*. In: Itinerários: Revista de estudios lingüísticos, literarios, históricos y antropológicos, 2007: 6; 175-193. Varsóvia: Universidade de Varsóvia, 2007.

SILVA, Edson Santos. *De arribanas a teatros: espaços teatrais em São Paulo no século XIX*. In: Pitágoras, 500, vol. 2. 2012.

VIANA, Fausto R. P. *Elaboração e viabilidade de um museu de teatro na cidade de São Paulo*. Tese apresentada ao Departamento de Arquitetura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do Grau de Doutor em Museologia. Lisboa, 2010.